

## O ESTUDO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS NO BRASIL

Shiguenoli MIYAMOTO \*

---

*RESUMO: O texto tece considerações sobre o desenvolvimento das Relações Internacionais como área de estudos no país; trata principalmente da política externa brasileira.*

*UNITERMOS: Relações internacionais; Política latino-americana; Política externa brasileira; problemas mundiais; estratégia militar; geopolítica.*

---

### — I —

Estas rápidas observações (daí o caráter de notas) sobre Relações Internacionais têm apenas um pequeno propósito: chamar a atenção do leitor para um campo de estudos que, aos poucos, tem assumido considerável importância, tanto em termos quantitativos, quanto qualitativos. Com este intuito, mencionamos, em itens próprios, as instituições que, ultimamente, têm-se preocupado com a análise das Relações Internacionais, e as publicações que podem ser consultadas para um maior aprofundamento no tema.

Somente nos anos mais recentes tem-se verificado a publicação de estudos considerados “clássicos” sobre Relações Internacionais. Talvez a maior responsável por este fato seja a Universidade de Brasília que lançou autores como Raymond Aron, Karl Deutsch, Marcel Merle, Anatol Rapoport, Norberto Bobbio, Tucídides, Maquiavel e outros, não só contemporâneos, como também “clássicos”, que eram, até então, de difícil acesso ao leitor não especializado. Apenas um

ou outro livro considerado importante era disponível no mercado.

A própria iniciativa desta Universidade promovendo os chamados “cursos à distância” tem certamente contribuído para a divulgação de estudos em Ciência Política. Apenas a título de ilustração, basta lembrarmos os cursos recentemente ministrados pela UnB dentro dessa programação (Open University) através do “Caderno de Programas e Leituras” do *Jornal da Tarde* de São Paulo, nas edições de sábado, abordando em algumas semanas “O que é Política” e “O que é Economia”. Estes cursos certamente deverão ter seqüência com inúmeros outros.

Uma consulta aos catálogos da Editora dessa Universidade, mostra-nos a ênfase dada na divulgação de temas ligados à Ciência Política, investindo maciçamente neste setor. A publicação de inúmeras obras, traduzidas pela primeira vez, bem como a venda através de convênio com uma grande rede bancária (inclusive de textos de aula), ministrados nos cursos de “Introdução à Ciência Política” e “Estudos de Problemas Brasileiros”, têm con-

---

\* Departamento de Ciências Políticas e Econômicas — Faculdade de Educação, Filosofia, Ciências Sociais e da Documentação — UNESP — 17.500 — Marília — SP.

tribuído para que maior número de pessoas tenha contato e possa refletir mais detidamente, e com certo rigor, sobre assuntos políticos. A mesma Universidade tem, também, colocado à disposição do público, textos com maior grau de complexidade, considerados complementares às leituras introdutórias dos cursos de Ciência Política e Relações Internacionais.

Esta divulgação de obras de conteúdo político talvez possa ser explicada, em parte, pelo interesse da própria Universidade em querer abarcar uma parcela do mercado editorial, reticente quanto à aplicação de recursos em livros demasiadamente dispendiosos, cujo retorno financeiro se dá em um prazo relativamente longo. O fato desta entidade dispor de recursos consideráveis em relação às outras instituições de ensino, a sua própria localização geográfica, perto dos centros de decisão, certamente tem facilitado e co-rodado de êxito este tipo de trabalho. Deve-se, por outro lado, reconhecer o grande interesse manifestado pelos responsáveis pela Editora em divulgar estas obras.

Após estes parágrafos, pode-se afirmar, sem correr maiores riscos, que o estudo das Relações Internacionais no Brasil, foi negligenciado até recentemente\*. O número de pesquisadores nacionais interessados em tal temática era (e ainda continua sendo) extremamente reduzido, se comparado com outras áreas de conhecimento.

Pior situação era constatada há pouquíssimos anos (finais dos anos 60), quando apenas alguns poucos interessados como Álvaro Teixeira Soares, Hélio Jaguaribe, Oliveira S. Ferreira, Vicente Marotta Rangel e mais um número insignificante de pessoas se debruçava com mais atenção sobre o tema\*\*. Há, é bem verdade,

alguns outros que trabalhavam em áreas que dizem respeito às formulações geopolíticas, como Carlos Delgado de Carvalho, Carlos de Meira Mattos, Therezinha de Castro, Golbery do Couto e Silva, Gomes Pimentel, Aurélio de Lyra Tavares ou José Oswaldo de Meira Penna\*\*\*.

Um exame às obras sobre Relações Internacionais indica-nos que, principalmente os textos mais elaborados, pertinentes à política exterior do Brasil, tanto no plano histórico, quanto no político *stricto sensu*, têm sido realizados, em boa parte, por estrangeiros. Isto pode ser comprovado detendo-se nos trabalhos mencionados nas referências bibliográficas que acompanham este texto.\*\*\*\*

A projeção que o país alcançou no cenário mundial, no período pós-64, com um crescimento acelerado da economia brasileira, assumindo certo papel de realce no concerto das nações, despertou a atenção não apenas de pesquisadores norte-americanos (conhecidos como "brazilianists"), como também de europeus e principalmente dos latino-americanos.

Os primeiros passaram a realizar estudos sistemáticos sobre o Brasil, procurando "conhecer tudo". O número de teses defendidas em universidades americanas é extremamente elevado, e cobre desde os aspectos históricos aos econômicos, dos sociais aos políticos, passando pelas artes e literatura. Entre centenas de trabalhos podem ser citados: no plano econômico, Albert Fishlow discorrendo sobre a distribuição de renda, Nathanael Leff e Robert Dalland sobre planejamento; no plano político Alfred Stepan com seu estudo já clássico sobre os militares, enquanto Phillipe C. Schmitter se deteve na análise do regime brasileiro. Não só estes, mas Ronald Schneider, Riordan Roett, Robert Levine, Roger Fontaine, Stanley

\* Veja-se, por exemplo, a este respeito, o espaço dedicado por LAMOUNIER & CARDOSO (15) às Relações Internacionais em seu trabalho sobre a Ciência Política no Brasil.

\*\* Cf. ALBUQUERQUE (1:700-720) e MEDEIROS (21).

\*\*\* Consultar especialmente CHEIBUB (4); CHILD (6); LIMA & MOURA (18); MIYAMOTO (22) e TAMBS (30).

\*\*\*\* Bons trabalhos têm sido realizados a este respeito. Cf. GRABENDORFF & NITSCH (10); LIMA & MOURA (18).

Hilton, William Perry, Wayne Selcher (preocupados com a política externa brasileira), Foster Dulles, Werner Baer, Joseph Love, Kenneth Paul Erickson, Peter Evans, entre outros, são nomes bastante conhecidos do meio acadêmico nacional.\*

Os europeus há muito se preocupavam com o país, principalmente com o advento da Universidade de São Paulo em 1934, com a vinda, nos primeiros anos, de professores franceses para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Desde então, inúmeros trabalhos foram dados a lume nas universidades, abordando, inicialmente, os aspectos mais “exóticos” e “peculiares” da sociedade brasileira, até os de caráter estritamente político, econômico e social, como verificado no anos mais recentes. Deve-se, neste último caso, considerar a vasta produção de pesquisadores brasileiros que, desde meados dos anos 60, estiveram freqüentando as universidades francesas, como se pode perceber pelas relações de teses publicadas nos *Cahiers des Amériques Latines*.\*\*

Na América Latina o Brasil sempre mereceu especial atenção. A este respeito vale a pena consultar publicações como a de ARANGUREN (3) que relaciona centenas de títulos sobre a política exterior argentina, sendo possível notar perfeitamente o papel do Brasil nos trabalhos por ele mencionados\*\*\*. Aliás, a Bacia do Prata, como se sabe, foi sempre a região que mais recebeu ênfase do Brasil na formulação de sua política exterior. Recentemente o discurso de Castello Branco, aos diplomatas recém-formados em 1964, quando traçava as diretrizes básicas da política exterior do movimento de março; a indicação de Antônio Azeredo da Silveira (ex-embaixador na Argentina) para a

Chancelaria, bem como os seus pronunciamentos e os do atual Ministro Ramiro Saraiva Guerreiro tornam cristalina a atenção dedicada pelo Brasil ao Cone Sul\*\*\*\*.

O aumento verificado no Produto Nacional Bruto nos finais dos anos 60 e início dos 70, desencadeou em pensadores argentinos, como Juan Enrique Gugliamelli (diretor do Instituto Argentino de Estudos Estratégicos e Relações Internacionais, e responsável pela revista *Estratégia*), Isaac Rojas, Carlos Mastroilli, Adalberto Lucchini e outros latino-americanos como Eduardo Machicote, Vivian Trias, Alberto Methol Ferré, Jorge Nelson Gualco, vivas reações contra a política expansionista que o Brasil estaria desenvolvendo através da projeção de sua influência em toda a América Latina. Segundo eles, o Brasil estaria dando provas, nitidamente, desta intenção (seja pela construção de usinas hidroelétricas, pelo Acordo Nuclear, pelo incremento da indústria bélica via IMBEL, seja pela “invasão” de terras paraguaias, inundando-as com colonos brasileiros) adotando uma política imperialista, procurando envolver em seus tentáculos a todos os seus vizinhos.

A nova condição de “potência emergente” assumida pelo Brasil, desde o período Médiçi, e reafirmada por diversas autoridades mundiais, como Henry Kissinger (quando esteve em visita ao país em meados dos anos 70), ministros de Estado europeus, passando pelo ex-presidente norte-americano Richard Nixon (autor da infeliz frase, segundo a qual “para onde o Brasil se inclinar a América Latina se inclinará”), e representantes do meio acadêmico como Ronald Schneider, Ray Cline e

\* Sobre as teses produzidas nos Estados Unidos referentes ao Brasil, consultar DISSERTATION ABSTRACTS INTERNATIONAL (7), LATIN AMERICA AND THE CARIBBEAN II (16), e RAMOS (28)

\*\* Cf. DUPOURT (9); MARTINIÈRE (20); PELEGRIN (26); PELEGRIN & DUPOURT (27)

\*\*\* Com relação ao Cone Sul examinar ainda ALFAGEME (2), CHILD (6); DOARE (8); LINDENBERG (19), OEA (25); TAMBS (30) e VARGAS (31).

\*\*\*\* Aplicando questionários em diplomatas do Ministério das Relações Exteriores, CHEIBUB & BARROS (5) mostram que a Embaixada em Buenos Aires é uma das que desfrutam de maior prestígio, ao lado da de Londres, perdendo apenas para a de Washington. Ou seja, grande parte dos Chanceleres brasileiros passou por estas embaixadas.

outros, fez, portanto, com que o país passasse a ser alvo, nos últimos lustros, da atenção mundial.

Obviamente este pretensão papel de influência a ser exercido pelo Brasil no contexto mundial, foi rapidamente colocado de lado, sobretudo quando o país passou a sofrer sérios problemas de legitimação acerca do próprio regime com a permanência de um quadro institucional pouco consistente; com a pauperização crescente dos diversos segmentos da sociedade brasileira; com o agravamento dos níveis inflacionários atingindo índices incontroláveis, até a recente ida do país ao Fundo Monetário Internacional, demonstrando total incapacidade em equacionar seus próprios óbices internos, tanto no plano político-institucional quanto no econômico.

—II—

A análise das Relações Internacionais, por outro lado, pode ser feita sob diversos ângulos. Com o intuito, único e exclusivo, de mostrar o que pode ser estudado, apresentaremos a seguir esquemas de alguns autores.

Um bom trabalho nesta área, e que possibilita ao interessado maiores informações, é o texto de Celso LAFER (14). Segundo este autor, as Relações Internacionais podem ser pensadas da seguinte forma:

1. Análise do Sistema Internacional: estudos preocupados em discernir e precisar as regras de funcionamento, permanência e mudança que configuram a forma de organização da ordem mundial.
2. Análise da política externa de um Estado: parte-se da categoria da especificidade histórica da conduta do Estado como ator, se não exclusivo, pelo menos preponderante na vida do sistema internacional.

3. Interação entre políticas internas e políticas externas de um Estado: o ponto unificador deste tipo de estudos é o reconhecimento da erosão, no mundo contemporâneo, do conceito de soberania.
4. Integração supranacional: análises sobre a evolução, no tempo, de sistemas coletivos de tomada de decisões entre os Estados, em que o maior ou menor alcance das decisões coletivas depende do seu objeto e da reciprocidade de interesses dos Estados.
5. Pensamento estratégico-militar: relação entre meios e fins necessários para assegurar ou manter a paz ou a guerra num sistema assinalado pela descentralização do poder.
6. Análises relacionadas com a paz: relações entre meios e fins e com os mecanismos através dos quais se pode amainar o conflito e manter a cooperação.

Por sua vez, LIMA & MOURA (18), ao fazerem uma resenha sobre Relações Internacionais e política externa brasileira, dividem seu trabalho em grandes quadros, de acordo com o conteúdo das discussões, e elaborando a seguinte tipologia:

1. Sistemas Internacionais (estrutura e dinâmica): trabalhos voltados para o estudo da estrutura e processos políticos e econômicos que caracterizam o sistema internacional contemporâneo.
2. Relações internacionais da América Latina: vistas sob perspectivas diferentes, encontrando-se grande parte dos trabalhos apoiados no tema da dependência.
3. Relações internacionais do Brasil: este item encontra-se desdobrado em diversos subitens, como:
  - 3.1. estudos históricos: abrangendo temas gerais e específicos, estudos políticos e econômicos de Relações Internacionais e política ex-

terna até o final da República Velha.

### 3.2 Estudos Contemporâneos: cobrem os anos pós-30.

3.2.1. O período Vargas: análises sobre o período compreendido entre 1930-1945.

3.2.2. A política externa independente: abrangendo estudos referentes aos governos de Jânio Quadros e João Goulart.

3.2.3. A política externa recente: análises que cobrem o período pós-64.

### 3.3. Brasil-Estados Unidos

### 3.4. Brasil-América Latina

3.4.1. O Brasil e o Prata

### 3.5. O Brasil e o mundo Afro-Asiático

## 4. Análises e Formulações Geopolíticas

Embora dispostos de formas distintas, tanto o esquema de Lafer, quanto o de Lima & Moura, aqui reproduzidos fielmente, são bastante esclarecedores sobre as formas de se abordar um tema. A consulta a estes trabalhos certamente propiciará condições para se definir um determinado tópico a ser investigado.

## — III —

### *Instituições*

Nos últimos anos foram criados institutos diversos que tratam, sob óticas diferentes, do tema das Relações Internacionais.

O Instituto Rio Branco, bastante antigo, talvez possa ser considerado como um modelo por excelência para o estudo das Relações Internacionais, já que de seus cursos (de dois anos) saem os quadros do Ministério das Relações Exteriores. É conhecido o alto nível dessa instituição, que colabora inclusive na formação de diplomatas de outros países latino-americanos, aceitando-os em seu curso.

Sobretudo no momento, verifica-se o surgimento de entidades acadêmicas preo-

cupadas em discutir as Relações Internacionais, aumentando rapidamente o seu número, como se pode ver mais adiante.

A criação recente do Grupo de Estudos sobre Relações Internacionais e Política Externa, filiado à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais - ANPOCS; e o Conselho Brasileiro de Relações Internacionais, é um claro sintoma da preocupação em reunir os pesquisadores dedicados a esta área.

Além desses, há outros centros que devem ser considerados, muitos deles trabalhando com temas regionais e específicos, delimitados geograficamente.

Uma das instituições mais antigas é o Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (RJ), que edita, desde 1956 a tradicional *Revista Brasileira de Política Internacional*, embora, nos últimos anos, tenha se verificado uma redução substancial em suas atividades, inclusive no que tange à circulação deste periódico.

Os problemas afro-asiáticos têm merecido seu lugar com entidades como o Centro de Estudos Africanos, pertencente ao Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP); o Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia (UFBa); e mais duas no Rio de Janeiro, o Instituto de Estudos do Terceiro Mundo-IETEM, e o Centro de Estudos Afro-Asiáticos-CEAA, do Conjunto Universitário Cândido Mendes. Este último organizará em agosto do corrente ano, o 3.º Congresso Internacional da Associação Latinoamericana de Estudios Afroasiáticos.

Ainda junto à USP funcionam, desde 1972, o Instituto Brasileiro de Estudos Antárticos-IBEA; e, desde 1982, o Centro de Estudos sobre a Ásia e a Oceania-CEAO.

Preocupados com a América Latina, são vários os institutos em atividade, en-

tre os quais podemos mencionar: o Centro de Documentação sobre a América Latina-CEDAL, da USP; o Programa de Estudos Comparativos Latino-Americanos-PECLA, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); e o Instituto de Relações Latino-Americanas-IRLA, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

A Universidade de Brasília, por sua vez, é a única instituição nacional que tem um curso de graduação em Relações Internacionais, através de seu Departamento de Ciências Políticas e Relações Internacionais, contando com um corpo docente altamente especializado. Alguns de seus membros trabalham, em alguns casos, nos próprios cursos de preparação à carreira diplomática do Instituto Rio Branco.

Além desses, a criação do Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (IRI/PUC/RJ) tem servido para aglutinar vários pesquisadores locais, promovendo seminários com certa constância. A própria Fundação Getúlio Vargas, do Rio de Janeiro (FGV/RJ), periodicamente tem-se preocupado com a realização de discussões sobre os temas. Estas atividades agora encontram-se incrementadas com a criação, em 1980, do Programa de Relações Internacionais, que é uma das áreas de trabalho do Setor da Pesquisa do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). São inúmeros os projetos já desenvolvidos e em pleno andamento, realizados pela equipe coordenada por Gerson Moura e Mônica Hist.\*

No campo estritamente estratégico, encontram-se os próprios institutos vinculados aos meios militares, como a Escola Superior de Guerra, criada em 1949, (ESG); e as entidades estaduais de seus ex-alunos (estagiários), as Associações dos Diplomados da ESG (ADESG), criados a

partir de 1951, e que se preocupam em transmitir doutrinariamente seus conceitos sobre a Segurança Nacional. Em 1981 foi criado o Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos (CEBRES), reunindo especialistas diversos, civis e militares. O Instituto Brasileiro de Geopolítica, existente desde 1951, funcionou até 1962 quando interrompeu temporariamente suas atividades, sendo que até o momento não as reativou (em 1974 foi tentada a reativação do instituto, sem êxito, todavia). Todos esses centros voltados para estudos geoestratégicos, encontram-se sediados na cidade do Rio de Janeiro.

#### *Cursos/Seminários e outros afins*

Principalmente a partir dos anos 70, gradativamente, tem aumentado o número de disciplinas oferecidas aos alunos, tanto ao nível de graduação quanto de pós-graduação, nas diversas universidades brasileiras. As palestras e seminários tem-se sucedido com uma rapidez bastante considerável.

No que se refere à graduação, os cursos de Relações Internacionais I e II, foram ministrados pelo Prof. Oliveiros S. Ferreira desde 1973, como disciplinas optativas, junto ao Departamento de Ciências Sociais da FFLCH-USP. No momento estes cursos encontram-se temporariamente desativados.

Nos bacharelados e licenciaturas em Direito são frequentes as disciplinas que tratam do tema, em virtude da existência dos Institutos de Direito Público e Privado, como é o caso da Faculdade de Direito da USP, que tem em seu quadro docentes especialistas como Celso Lafer e Vicente Marotta Rangel, entre outros.

Na Universidade Federal Fluminense-UFF, estavam sendo oferecidas duas disciplinas optativas na área de Relações Internacionais, a cargo do Prof. José Ribas Vieira. A PUC/SP apenas este

---

\* Cf. MOURA & HIRST (24).

ano (1983) incluiu no currículo de Ciências Sociais a disciplina Relações Internacionais, embora não tenha em seu corpo docente pessoal suficiente para ministrá-la. Este problema, contudo, poderá ser, aos poucos, facilmente superado, já que pelo menos dois professores desse departamento realizaram trabalhos investigando temas internacionais como a integração latino-americana e os acordos nucleares.

Na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS), e na Universidade Federal de Minas Gerais, também disciplinas isoladas existem nos currículos (Cf. MEDEIROS, 21: 84).

Especificamente no que diz respeito ao bacharelado, o curso ministrado pela UnB, através do Departamento de Ciência Política e Relações Internacionais é, sem qualquer sombra de dúvida, o mais completo, já que integram seu corpo docente, alguns dos melhores especialistas no assunto. São membros deste departamento, entre outros, os professores Antônio Augusto Cançado Trindade, José Carlos Brandi Aleixo, e o ministro Ronaldo Sardenberg. Este mesmo Departamento está tentando, há algum tempo, obter credenciamento para o curso de pós-graduação nesta área.

No que concerne à pós-graduação, uma ou outra instituição oferece opções em Relações Internacionais. O Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro — IUPERJ, é um destes exemplos, tendo em seu quadro os professores Hélio Jaguaribe, Alexandre S.C. de Barros e Maria Regina Soares de Lima, nomes bastante conhecidos entre os estudiosos das Relações Internacionais. Nos cursos aí ministrados, em nível de mestrado e doutorado, as preocupações percorrem caminhos que vão desde as teorias sobre Relações Internacionais até as discussões sobre armamentos e as possibilidades de conflito no Atlântico Sul.\*

A Universidade Federal de Santa Catarina, por seu lado, apresentava em seus programas de pós-graduação em Direito, a opção Diplomacia e Relações Internacionais. Para o período 1980/1983 os pós-graduandos deviam desenvolver suas pesquisas dando ênfase em subgrupos de temas previamente definidos, tanto no plano interno quanto no externo. No que diz respeito às linhas de pesquisa a serem implementadas no plano externo, são oferecidas concentrações privilegiando seja a contribuição para a formação do modelo brasileiro de ação externa, seja pelo programa brasileiro de cooperação ao desenvolvimento dos Estados da África Subsaariana, ou seja, aos países de expressão portuguesa.

Pelo Departamento de Ciências Sociais da USP são oferecidas disciplinas relativas à Sociologia e Antropologia da África Negra, e ministradas pelos componentes do Centro de Estudos Africanos.

Os cursos de curta duração, seminários, ciclos, palestras, têm sido realizados por inúmeras entidades preocupadas com o tema nos últimos anos.

Certamente a Universidade de Brasília é a que tem tido maiores oportunidades em arregimentar pessoal conhecido do meio acadêmico internacional, trazendo-os e enriquecendo as atividades de seu campus. São exemplos, as vindas de Karl Deutsch, John Kenneth Galbraith, Raymond Aron, Lezek Kolakowsky, Henry Kissinger e inúmeros outros convidados anualmente. Além do mais, a Unb, através de sua editora, tem promovido a divulgação permanente de obras sobre Relações Internacionais, colocando-as à disposição do mercado consumidor. Os próprios cursos à distância (Open University) já estão sendo ministrados normalmente.

A UFMG há 6 anos realiza, em agosto, com duração de uma semana, um ciclo sobre Relações Exteriores, contando sempre com a própria presença do Chanceler

\* Consultar a este respeito IUPERJ (13).

brasileiro e de pessoal altamente especializado, dentre os quais vários diplomatas de carreira do Itamaraty nesses cursos.

Mais recentemente, nos anos 80, a Universidade Federal de São Carlos — UFSCar brindou seu campus com um centro dedicado ao estudo da América Latina, promovendo ciclos regulares de palestras e cursos, editando-os inclusive.

O IUPERJ tem incentivado a divulgação de problemas relativos a temas mundiais, ora promovendo palestras, ora organizando inúmeros seminários através de seu Programa de Relações Internacionais.

A própria Universidade Estadual Paulista tem em seus programas de pós-graduação em História uma área de concentração intitulada “História da América Latina”, no campus de Assis, contando com o auxílio dos corpos docentes dos campus de Marília e Franca.

Os seminários têm sido freqüentes. Vamos apenas mencionar alguns de maior importância.

Coordenado pelo IUPERJ/PECLA/Fundação Ford e pelo Instituto Latino-americano de Desenvolvimento Econômico e Social (ILDES), foram realizados em Nova Friburgo (RJ), em 1978 e 79 dois seminários contando com estudiosos da América Latina, Estados Unidos e Europa. O primeiro abordou o tema “Perspectivas para o Desenvolvimento dos Estudos Comparativos Latino-Americanos e Relações Internacionais”, enquanto o segundo tinha como questão central “O Brasil e a Nova Ordem Internacional”. Por outro lado a UnB organizou em 1981 o II Encontro sobre “A New Atlantic Triangle? Latin America, Western Europe and the United States”, enquanto o Centro de Estudos Afro-Asiáticos do Conjunto Universitário Cândido Mendes realizava um seminário tratando das relações Brasil-África em agosto do mesmo ano.

A Câmara Federal, através da Comissão de Relações Exteriores, realizou dois painéis sobre Assuntos Internacionais: o primeiro versando sobre “A Nova Ordem Mundial”, e o segundo acerca dos “Valores e Rumos do Mundo Ocidental”, em 1975 e 1977, respectivamente, e divulgados, posteriormente, pela Seção de Publicações da própria Câmara.

A Fundação Getúlio Vargas de São Paulo reuniu, em 1975, um grande número de especialistas internacionais, em seminário coordenado pelo Prof. Heinrich Rattner, cujos resultados foram publicados no livro *A crise da ordem mundial*, editado pela Símbolo em 1978.

O IRI/PUC/RJ tem organizado freqüentemente seminários, mobilizando principalmente estudiosos latino-americanos; com menor intensidade, num nível mais modesto, o mesmo se tem verificado com o Instituto de Relações Latino-Americanas da PUC paulista.

Mesmo a Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo tem-se preocupado com o tema, realizando em 1982 um curso de extensão universitária sobre as relações Leste-Oeste; o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento de São Paulo (CEBRAP/SP) é outra instituição que tem, periodicamente promovido seminários, como o verificado em 1981, sobre “Estilos de Desenvolvimento Econômico e Regimes Políticos na América Latina.”

No campo da geoestratégia, além dos seminários e cursos programados pelas entidades militares, foi realizado em 1979, pelo Convívio-Sociedade Brasileira de Cultura, um grande encontro internacional sobre “Política e Estratégia”, coordenado pelo general Carlos de Meira Mattos e pelo Prof. Oliveiros S. Ferreira, ao qual compareceram especialistas como Roger Fontaine, Ronald Schneider, William Perry, Lewis Tambs, Wayne Selcher, Ray S. Cline, Nelson Freire Lavêner-Wanderley, Therezinha de Castro, Octávio Tosta e representantes das três armas brasileiras.



A criação do Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos, em 1981, já apresentou seus primeiros resultados. Além da revista *Cadernos de Estudos Estratégicos*, já foram realizados alguns seminários com temas bastante atuais, principalmente relativos à segurança do Atlântico Sul.

Além destes, pelo menos dois outros ciclos sobre assuntos geopolíticos foram ministrados em 1981: um pelo Centro Acadêmico de Ciências Sociais da PUC/SP, e outro pela Universidade Estadual Paulista, no campus de Rio Claro.

Finalmente não se pode esquecer a realização, em agosto de 1982, do XII Congresso Mundial da International Political Science Association, reunindo no Rio de Janeiro centenas de participantes especialistas em Relações Internacionais, oriundos de todos os continentes.

#### *Publicações*

Algumas revistas têm divulgado com freqüência temas relativos à política internacional. Como já foi dito anteriormente, embora esteja pecando pela irregularidade, a *Revista Brasileira de Política Internacional* (criada em 1958), do IBRI/RJ, é a publicação nacional mais consistente que aborda problemas não apenas brasileiros, mas abrangendo gama variada de assuntos.

A *Revista Brasileira de Estudos Políticos* (criada em 1956) tem dedicado vários de seus números à política externa brasileira, publicando principalmente as palestras ministradas nos ciclos sobre Política Exterior realizados pela UFMG. Um de seus exemplares (n.º 21) é inclusive dedicado especificamente à Segurança Nacional.

A revista *Dados*, do IUPERJ, e os *Estudos CEBRAP*, têm apresentado normalmente artigos analisando as Relações Internacionais, abarcando tanto o aspecto econômico quanto político. O mesmo se sucedia com *Encontros com a Civilização*

*Brasileira*, do Rio de Janeiro, que encerrou recentemente (em 82) suas atividades, menos de três anos após o seu ressurgimento.

Publicada pela FGV/RJ, a *Revista de Ciência Política*, periodicamente, tem propiciado ao leitor inúmeros textos abordando temas internacionais, quer sejam estritamente políticos, como jurídicos e econômicos. Neste mesmo padrão, encontramos os *Cadernos do CEAS* e a *Revista de Cultura Vozes*, com ensaios bastante atualizados.

A *Defesa Nacional* (criada em 1913), órgão da Cooperativa Militar Editora e de Cultura Intelectual, tem produzido quantidade abundante de estudos tratando principalmente de problemas estratégicos. Nesta mesma linha caminham títulos como *Defesa Latina* (criada em 1980); *Segurança & Desenvolvimento* (criada em 1951), órgão da ADESG; *Armas, Tecnologia & Defesa* (criada em 1983); e os *Cadernos de Estudos Estratégicos*, que se encontram, ainda, no primeiro número.

A revista *Convivium* tem divulgado, embora irregularmente, alguns temas internacionais, verificando-se concentração de ensaios publicados por ocasião do seminário sobre "Política & Estratégia". O Convívio, responsável por esta revista, registrou, inclusive, o título *Política & Estratégia*, como nome de um periódico a ser oportunamente lançado, fato que até a presente data ainda não ocorreu, embora o seminário tenha sido realizado em 1979.

A UnB tem uma publicação intitulada *Relações Internacionais*, além da *Documentação e Atualidade Política*, embora não apresente a regularidade desejada, lançando apenas cinco exemplares. O IETEM publica uma edição internacional dos *Cadernos do Terceiro Mundo*, enquanto o próprio Ministério das Relações Exteriores tem, entre suas publicações, desde 1974, a *Resenha de Política Exterior do Brasil*, que substituiu os *Documentos de Política Externa*.

A revista *Política Externa Independente*, lançada em meados dos anos 60, teve vida efêmera, sobrevivendo a apenas três números. Nela, contudo, se encontra material abundante sobre o assunto. O mesmo ocorreu no início dos anos 80, com *Brasil Século 21*, que dizia ser uma revista para “pensar o Brasil grande”, deixando de circular após os três primeiros exemplares. Os *Cadernos Brasileiros*, por sua vez, conseguiram resistir por mais tempo, encontrando-se neles, enquanto sobreviveram, vários textos de interesse.

Pelo menos duas publicações dão conta dos aspectos relativos à Ásia e África, além da publicação do IETEM: os *Cadernos de Estudos Afro-Asiáticos*, do CEAA; e a *Afro-Asia*, da Universidade Federal da Bahia.

Além destas, *Textos & Documentos* tem reproduzido diversos trabalhos, enquanto o *Boletim da Sociedade Brasileira de Direito Internacional*, tem se preocupado mais com estudos de natureza jurídica.

Mesmo revistas ligadas à Confederação Nacional do Comércio ou a setores empresariais, como *Carta Mensal*, *Digesto Econômico* e *Banas* têm contribuído periodicamente com ensaios e reflexões versando sobre Relações Internacionais.

### Fontes e referências

Como é de se supor, simultaneamente à realização dos cursos e palestras, tem-se constatado o incremento na produção da bibliografia sobre Relações Internacionais, quer gerais, quer sobre temas específicos. No espaço de poucos anos foram realizados levantamentos exaustivos sobre os trabalhos produzidos no Brasil acerca das Relações Internacionais.

Entre estes trabalhos podem ser mencionados os realizados por HIRST (12) que localizou nos Estados Unidos as instituições que têm arquivos sobre o Brasil; o

de LIMA (17), inventariando as fontes nacionais; esta mesma autora, juntamente com MOURA (18) publicou recentemente uma resenha bibliográfica sobre política externa brasileira; CHEIBUB (4) completou um levantamento exaustivo sobre os artigos que tratam do tema, publicados em revistas brasileiras, no período compreendido entre 1930-1980, num total de 1.700 títulos; GRABENDORFF & NITSCH (10) fizeram igualmente um bom trabalho sobre o tema, conforme se pode constatar.

No que diz respeito a problemas geoestratégicos e militares podem ser consultados os trabalhos de TAMBS (30), CHILD (6) e de nossa autoria (22), todos relativos à geopolítica; o de LINDENBERG (19) e um texto sem autoria (29) são dedicados exclusivamente aos militares.

Além destes, os textos de HELMER (11), LAMOUNIER & CARDOSO (15), MONTEIRO (23) e MEDEIROS (21) fornecem bons subsídios aos interessados.

### — IV —

Este texto não pretendeu ser exaustivo. Procurou traçar um panorama geral, ainda que incompleto, de como se discutem as Relações Internacionais no Brasil, apontando instituições e indicando fontes.

A rapidez com que este texto foi produzido, deixa claramente muitas lacunas, em virtude de termos trabalhado apenas com as informações que dispúnhamos no momento. Mesmo assim, procuramos fornecer elementos imprescindíveis, principalmente àqueles que se iniciam nesta temática, tecendo breves comentários, que, por serem muito genéricos, são falhos.

As publicações mencionadas referem-se apenas às principais, e não nos preocupamos em indicar as revistas estrangeiras, já que a consulta às referências bibliográficas dá boas pistas nesta direção. A multiplicidade de títulos nacionais,

aliada à dinâmica com que surgem e desaparecem, tornam bastante difícil esgotar o assunto. O texto de CHEIBUB (4) é, sob este ponto de vista, uma contribuição extremamente valiosa.

Deixamos de indicar, também, algumas revistas que, embora tenham textos

interessantes sobre o assunto, ainda “não se firmaram” nesta área. É o caso, por exemplo, do periódico lançado pela Fundação Juscelino Kubitschek em 1982, e que traz em seu primeiro e único exemplar até o momento um estimulante ensaio sobre as perspectivas do relacionamento Brasil/República Popular da China.

MIYAMOTO, S. — The study of international relations in Brazil. *Perspectivas*, São Paulo, 6:133-144, 1983.

*ABSTRACT* : This paper proposes some considerations about the development of the study of International Relations, specially those reporting Brazilian foreign policy.

*KEY-WORDS*: International relations; Latin American politics; Brazilian foreign policy; world affairs; military strategy; geopolitics.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALBUQUERQUE, M. M. de — *Pequena história da formação social brasileira*. 2.ed. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1981.
2. ALFAGEME, R. M. — Los países del Tercer Mundo en las relaciones internacionales: hemoesfera. *Estudios del Tercer Mundo* 2: 433-40, 1979.
3. ARANGUREN, J. O. & SCHELHOM, T. — *Un siglo de política exterior argentina*. Buenos Aires, FLACSO, 1978.
4. CHEIBUB, Z. B. — *Bibliografia brasileira de relações internacionais e política externa: 1930-1980*. Rio de Janeiro, IUPERJ, 1981.
5. CHEIBUB, Z. B. & BARROS, A. S. C. de — Determinantes de sucesso na carreira diplomática: algumas hipóteses preliminares. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 4., Nova Friburgo, 1982. (mimeog.)
6. CHILD, J. — Geopolitical thinking in Latin America. *Latin America Research Review*, 14:89-111, 1979.
7. DISSERTATION ABSTRACTS INTERNATIONAL. Ann Arbor., Mich., Univ. Microfilms International. (Vários anos).
8. LE DOARE, H. — Le Brésil et le Cone Sud: les conflits frontaliers. *Bibliographie commentée. Cahiers des Ameriques Latines*, (18): 215-25, 1978.
9. DUPORT, C. — Catalogues des thèses et mémoires sur l’Amérique Latine soutenus en France entre 1975 et 1978. *Cahiers des Ameriques Latines*, (19):5-78, 1979.
10. GRABENDORFF, W. & NITSCH, M. — *Brasilien: Entwicklungsmodell und aussenpolitick*. Munchen, Wilhem Pink Verlag, 1977.
11. HELMER, F. W. et alii — *Neure Studien zur politik Brasiliens 1960-1967*. Freiburg, Materialien des Arnold-Bergstraesser Instituts, 1968.
12. HIRST, M. — Fontes primárias americanas para o estudo das relações Brasil — EUA. In: SEMINÁRIO SOBRE O BRASIL E A NOVA ORDEM INTERNACIONAL, Nova Friburgo, 1978. (mimeog.)
13. IUPERJ — *Relatório do programa de Relações Internacionais do IUPERJ*. Rio de Janeiro, 1981. (mimeog.)
14. LAFER, C. — *O estudo das relações internacionais: necessidades e perspectivas*. Brasília, UnB, 1980. (Textos de Aulas).
15. LAMOUNIER, B. & CARDOSO, F. H. — A bibliografia de ciência política sobre o Brasil: 1949-1974. *Dados*, (18): 3-32, 1978.
16. LATIN AMERICA AND THE CARIBBEAN II: a dissertation bibliography. Ann Arbor, Mich., Univ. Microfilms International, 1980.
17. LIMA, M. R. S. de — As fontes institucionais para a pesquisa em Relações Internacionais no Brasil. In: SEMINÁRIO SOBRE PERSPECTIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO DE ESTUDOS COMPARATIVOS LATINOAMERICANOS E RELA-

- ÇÕES INTERNACIONAIS, Nova Friburgo, 1977. (mimeog.)
18. LIMA, M. R. S. de & MOURA, G. — Relações internacionais e política externa brasileira: uma resenha. *BIB*, (13): 5-36, 1982.
  19. LINDENBERG, K. — *Fuerzas armadas y política en America Latina: bibliografía selecta*. Santiago, ILDS, jul. 1972.
  20. MARTINIÈRE, G. — Principales orientations des recherches réalisés en France sur le Brésil dans le domaine des sciences sociales: 1960-1980. *Cahiers des Ameriques Latines*, (21/22): 49:71, 1980.
  21. MEDEIROS, A.P.C. — As relações internacionais como área de estudo na América Latina. *Rev. Bras. de Estudos Políticos*, (55):65-88, 1982.
  22. MIYAMOTO, S. — Os estudos geopolíticos no Brasil: uma contribuição para sua avaliação. *Perspectivas*, 4:75-92, 1981.
  23. MONTEIRO, V., ed. — *Índices de ciências sociais*. Rio de Janeiro, IUPERJ, 1979. (Vários exemplares a partir de 1979).
  24. MOURA, G. & HIRST, M. — Programa de Relações Internacionais. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 1982. (mimeog.)
  25. OEA — *Bibliografía de articulos sobre las Relaciones Internacionales de America Latina y el Caribe: 1975-1981*. Washington, Secretaria General de la OEA, 1981.
  26. PELEGRIN, M. N. — Catalogue des thèses et mémoires sur l'Amérique Latine soutenus en France entre 1954-1969. *Cahiers des Ameriques Latines*, (4): 145-194, 1969.
  27. PELEGRIN, M. N. & DUPORT, C. — Catalogue des thèses et mémoires sur l'Amérique Latine soutenus en France entre 1970-1974. *Cahiers des Ameriques Latines*, (9/10): 282-366, 1974.
  28. RAMOS, D. H. A. P. — Teses norte-americanas sobre o Brasil: 1930-70. *Tudo é História*, (4):111-20, 1978.
  29. SELECT bibliography on the military in Latin American politics. s.i. 22p. (mimeog.)
  30. TAMBS, L. — Latin American geopolitics: a basic bibliography. *Rev. Geográfica*, (73): 71-105, 1970.
  31. VARGAS, J. A. — Bibliografía jurídica selecta sobre el derecho del espacio oceanico en Latinoamerica. *Estudios del Tecer Mundo*, 1:185-217, 1978.